ANO 10.º — Sexta-feira, 13 de Abril de 1917 — (AVENÇA) — Numero 468

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

PEORES QUE FÉRAS!

—(*)—

A Alemanha continúa resvalando precipitadamente pelo sinistro plano inclinado dos mais repulsivos crimes, das mais hediondas selvagerias.

Aquilo já não é uma nação: é, apenas, uma inumeravel horda de ferozes bandidos, que, totalmente dementados pelos delírios megalomaniacos do pangermanismo, puzeram de lado os mais rudimentares sentimentos humanitários, arredaram, como estorvos importunos, as últimas partículas do verniz de civilização com que, artificiosamente, se cobriam.

Metem nojo e causam horror!

Os primeiros rebates da derrota definitiva, que sentem iminente, fazem-lhes voar, de envolta com a poeira das ilusões desfeitas, dos sonhos de dominio universal, os derradeiros vestigios de generosidade, de respeito pelas leis da guerra, em uso entre povos civilisados.

Regressam á bestialidade do homem das cavernas, equiparam se ás féras, submergem-se, insustavelmente, na ignominia.

Lugubre afundamento.

Cada hora que passa os vêmos atascarem-se no lodo de novas abominações; cada dia que o sol dá ao mundo ilumina novos, monstruosos, ineditos motivos de execração e horror.

Por vezes, a possibilidade de novos crimes afigura-se afastada; ao já imenso rosário, parece impossivel juntar novas contas.—Deve estar exaurida a atroz fantasia sanguinária dos bandidos—; pensa-se, com alívio.

Engano. A lúgubre inventiva da horda germânica é inesgotável. Outros atentados, mais infames, veem somar-se aos já perpetrados; novos horrores, que fazem empalidecer as mais portentosas criações da imaginação dantesca, expludem, numa fúnebre florescência, á luz do sol.

No início da guerra, em Agosto de 1914, nas horas de efêmero triunfo, de ebriedade da vitória tida como certa, eram violações de tratados e violações de mulheres, incêndios de cidades, vilas e aldeias, massacres de prisioneiros militares e fuzilamentos de civis pacificos, saques latrocinios, mulheres e creanças das nações adversas obrigadas a marchar, como escudos vivos, á frente das colunas invasoras!

Entrada a guerra na sua longa fase de estacionamento, se algumas destas selvagerias cafreais cessaram—em parte sómente por falta de oportunidade—outras equivalentes se lhes vieram juntar: surgem os gazes asfixiantes, inicia-se a guerra submarina, empreende-se a tarefa *heroica* de afundar, muitas vezes sem aviso prévio, centenas de navios mercantes neutros e beligerantes, começam os hediondos bombardeamentos aereos de cidades abertas, lança-se mão da deportação e do escravisamento em massa de belgas, polacos e francezes!

No entanto, todas estas monstruosas infamias, todas estas incriveis perversidades, em vez de darem o triunfo á Alemanha, nada mais fizeram que acelerar a aproximação da hora da derrota definitiva.

Como um manto de chumbo, o peso da unanime execração universal vae acabrunhando, manietando, asfixiando a hedionda nação homicida e sem honra nem lei moral. As falanges dos que combatem pelo aniquilamento do banditismo militarista prussiano crescem, adensam-se, reforçam-se de novos e poderosos meios de ataque. A grande Confederação norte-americana apresta-se para tomar logar no prélio formidavel, ao lado dos que lutam pela causa da liberdade e da civilisação. E, no ocidente, a onda invasora, lamacenta e repulsiva dos exercitos germânicos vê-se coagida a iniciar o seu reflexo.

E' o principio do fim, é o começo da expiação.

Batidos, humilhados, natural seria que o acabrunhamento da derrota, a iminencia do castigo déssem aos bandidos de além Rheno, quando não o arrependimento dos crimes perpetrados, pelo menos a noção da conveniencia de a simular.

Pois é o contrario que se dá. O germano quer manifestar-se, até final, intrepidamente bandoleiro, incorregivelmente selvagem.

Raça insanavelmente cruel, sanguinaria, rapace, digna sucessora das hordas mangólicas e das turbas de Atila, as raivas da derrota mais lhe exacerbam a indómita ferocidade nativa, desentranhando-lhe a imaginação nos mais imprevistos crimes, nas mais inconcebiveis infamias.

Deante dos exercitos franco-inglezes, ao lado dos quaes enfileirou o portuguez, a truculenta quadrilha de ignobeis bandoleiros, a que Guilherme II, seu chefe condigno, chama, por eufêmica antitese, *os seus gloriosos exercitos*, bate em retirada no ocidente, abandonando o solo heroico de França.

Mas, á medida que retira, revelando mais uma vez o seu desdem de caraíbas pelas mais elementares normas da guerra entre nações civilisadas, pelos mais rudimentares sentimentos humanitarios, saqueia e incendeia as povoações que abandona, tala os campos que se vê forçada a desocupar, devasta culturas, corta pomares, vinhas e arvoredos e arrasta, como prisioneiras, raparigas francezas!

Afundando-se, por este modo, no lamaçal da infamia, a nação alemã tocou a meta das mais execraveis abominações. Só os mais replentes bandidos, seus iguaes em caracter, a poderão olhar sem antipatia. A farda dos seus soldados e as côres do seu pavilhão tornaram-se o mais autentico simbolo da ignominia!

Nesta guerra monstruosa, por ela preparada e desencadeada, não ha crime nefando com que se não tenha manchado, atrocidade que se esquecesse de perpetrar. Em vez dos esplendores do dominio universal, de que esperava revestir-se, colheu, apénas, indelevel vergonha, maldição eterna.

Uma vez feita a paz, nenhum povo excepto, talvez, uma ou outra bestial tribu de antropófagos africanos, americanos ou oceanicos, poderá olhar como sua igual uma nação que não hesitou em lançar mão dos canibalescos horrores perpetrados pelas hordas germânicas; os proprios cafres estão no seu direito de a olhar com desprezo.

E qual será, justiça eterna, a expiação suficiente, o castigo proporcionado á torrente de hediondos atentados, de fenomenaes abominações que, vae em tres anos, jorra, ininterruptamente, dos cérebros em delirio dos selvagens de além Rheno?

Governador Civil

—(*)—

Por ter sido nomeado medico do hospital militar de Agueda, sua terra natal, onde se ergue a *casa do adro* e a *mulher do Aniceto* se ufana de ser uma das principaes admiradoras do Conde, abandonou a chefia do distrito, o sr. Eugenio Ribeiro.

Entristece-nos ter de dizer que se foi s. ex.ª sem deixar saudades. Vindo pouquissimas vezes á repartição, não tendo nunca a inspira-lo uma scentelha do que particularmente se exige ás pessoas que sobre si tomam encargos pesados e de responsabilidade, o sr. Eugenio Ribeiro retira sem que lhe possâmos dizer daqui que fez um bom logar porque nem sequer de regular merece a classificação.

A politica republicana sofreu tratos de polé. Com isso lucraram os afilhados de s. ex.ª, é certo, mas como ácima de tudo costumâmos colocar o prestigio das instituições, segue-se que desse conluio desastrado com a gente de convicções mais que duvidosas só resultou mal para ele, mal para a Republica e mal para o partido democratico, que tanto comprometeu, reduzindo-o quasi á expressão mais simples.

De todos os governadores civis que por este distrito teem passado, o sr. Eugenio Ribeiro era, por um conjunto de circunstancias que ainda talvez venhâmos a explanar, aquele que melhores condições devia reunir para o desempenho do cargo que lhe fôra confiado. Nós chegámos mesmo a nutrir fundas esperanças, acreditando na sua competencia, que, afinal, revelou ás avessas, isto é, negativamente, e por ventura em dotes intelectuaes que, se os possue, tambem falharam, tal a sucessão de tropelias inopinadamente praticadas durante o seu consuladó.

Em conclusão: a politica de compadres mantida em Aveiro pelo democratico dr. Eugenio, de Agueda, desagradou geralmente. Resta que o seu substituto, dr. Samuel Maia, que na terça-feira assumiu as mesmas funções que o seu colêga na medicina desempenhava desde 1915, estabeleça sem perda de tempo um *modus vivendis* diferente do que para aí se estadeia e de harmonia com a doutrina do manifesto publicado pelo *Gremio Republicano Distrital*, na semana transata. Só assim a politica democratica póde vir a fortalecer-se, muito embora haja quem desconfie desse milagre.

Sr. dr. Samuel Maia: tem a palavra!

O conflito europeu

A revolução democratica na Russia e a declaração de guerra á Alemanha pelos Estados Unidos da America, seguidos já na sua atitude pelo Brazil e Cuba, certamente secundadas em breve por quasi todas as outras nações sul americanas, deram um novo aspecto ao conflito gigantescamente sangrento, que ha tres anos apavora a humanidade. Ainda que claramente evidenciado qual seja o resultado da tremendissima luta, ela, por certo, não terminará tão cêdo como todos nós desejâmos. O concurso material e a importancia moral que o novo combatente americano traz aos contendores, seus aliados, é incalculavel, tornando se por isso um factor dos de mais elevada e valiosa importancia.

Na linha ocidental as vantagens luso-franco-inglezas tem sido brilhantes, como brilhante foi o resultado da parte da acção das forças portuguêsas, que já entraram em combate, investindo com egual valentia e denodo contra o inimigo comum.

São estas as laconicas noticias que muito resumidamente nos dão as regiões oficiais, e que nos levam a fazer os mais ardentes votos para que os nossos soldados cubram de gloria a bandeira da Patria.

A sorte seja com eles.

Adesivagem

Por causa dos *dias santos* da ultima semana, o *Distrito* não se publicou no domingo, ficando portanto no tinteiro o seu prometido artigo ácerca da nomeação do bacharel Joaquim Peixinho para a conservatoria do Registo Civil, caso de que prometemos ocupar-nos ainda, quando aquele colega falasse.

São mais oito dias.

Uma autorisação

A meza administrativa da Mizericordia desta cidade foi superiormente autorisada a alienar o edificio onde funcionava o seu antigo hospital, de que hoje não carece, devendo, porêm, realisar a venda em conformidade do que dispõem as leis de desamortisação.

Ao que nos consta, são vários os concorrentes habilitados a licitarem sobre a casa logo que ela seja posta em praça.

UM DEVER

Só agora reparámos que desde o primeiro numero do 2.º ano passou a director efectivo do nosso colêga *Distrito de Aveiro*, o sr. dr. André dos Reis, sucessor do reverendo Gomes e ambos substitutos do sr. dr. Mesquita Carvalho, que foi quem figurou de começo no orgão evolucionista local antes do seu *comprovado* republicanismo o elevar a ministro da justiça.

E' caso para lhe darmos parabens, que mesmo por ser tarde os devemos considerar como menos sincéros, atendendo á distribuição que se fez de amendoas aos compadres e folares aos afilhados na ultima quadra quaresmal...

SEMANA SANTA

—(*)—

Em todos os templos da cidade foram celebradas este ano, á vontadinha, as solenidades da *semana santa*, tendo-se tambem realisado as procissões de Endoenças, Hecce-Homo e Ressurreição, que percorreram os itenerarios previamente marcados.

Tudo muitissimo bem e á altura desta republica que, embora separada da Igreja por uma lei emancipadora, diz se, nos dá todavia a impressão de que nunca a reacção religiosa dispôz de tanta força como hoje.

Grande comedia.

A Republica pervertida

Como dois colegas se pronunciam sobre o preenchimento do logar de conservador do Registo civil de Aveiro

Os bem redigidos confrades *Catorze de Maio*, de Lisboa e *O Domingo*, de Aldegalega, ocupam-se nos seus ultimos numeros da escandalosa nomeação do bacharel Joaquim Peixinho para conservador do Registo Civil em Aveiro e comentam-na com palavras que nos cumpre reproduzir não só pela proveniencia, mas tambem pela verdade que revelam, mostrando em toda a sua plenitude, como nós o haviamos feito, a pouca vergonha que se cometeu.

Diz assim o primeiro:

PARA ONDE VAMOS?

Para conservador do registo civil em Aveiro teve recente nomeação o snr. dr. Joaquim Peixinho. A imprensa republicana local comenta o facto com extranheza e com amargura.

Tem razão. O novo funcionario foi sempre, e por todos os modos, um inimigo da Republica.

Ainda ha pouco como tal se afirmava em conhecido conubio com os monarquicos do distrito onde reside. A sua palavra e a sua pena não pouparam agravos e doestos aos que tiveram a ideia e a canceira de criar um regimen novo que vai sendo o baldio de todos os velhos amigos do passado regimen.

Estâmos a vê-lo ainda, nós os que escrevemos estas linhas, a comandar as violencias contra os republicanos do Porto que a Aveiro haviam ido em excursão de propaganda. O snr. dr. Joaquim Peixinho mandava acutilar e prender, não dando tento sequer de entre os excursionistas serem numerosas as senhoras. Era nesse tempo o executor da politica dos Melos de Agueda, a mais dissolvente de quantas politicas criaram em Portugal a esta palavra a abandalhada significação. Era-o ainda ha pouco. E'-o ainda.

Está porêm conservador do registo civil—á testa, pois, duma função publica que, mais que nenhuma outra, exige de quem a desempenha espirito democratico!

Parece ter sido esse o custo da sua adesão a um dos partidos constitucionais. Não dâmos parabens aos aquisidores, embora não tenhamos duvida em acreditar que o aderente lhes acarrete muitos votos.

Este e outros semelhantes acontecimentos pódem, *efemeramente*, acrescentar as forças eleitoraes de uma facção, mas não a prestigiam e preparam para a Republica não sabemos bem que horas de sombria crise.

Por sua vez, escreve o segundo:

A PROPOSITO...

Veem tambem a proposito dos factos que temos narrado mais tres casos de que acabâmos de ter conhecimento.

Pódiamos apontar em cada numero deste jornal casos destes, mas porque não são protestos e sim desabafos os nossos artigos, acabâmos com este os comentarios

que já temos feito á maneira afrontosa para os bons republicanos como são nomeados para logares de grandes responsabilidades monarquicos e até conspiradores. Não nos fará recomeçar, a revolta, por que não póde — julgâmos — ser maior a que abrigâmos em nosso intimo, forçados pela nossa constituição nervosa.

E, a proposito, dizemos agora que não concordâmos com a fraze de Herculano—*isto dá vontade de morrer*—lembrada ainda ha pouco por um ilustre jornalista que se referia a um dos muitos factos contra os quais aqui temos manifestado o nosso desgosto. E, sem melindre para o ilustre jornalista, achâmos mais adaptavel á situação actual, o ultimo periodo do artigo em que *O Democrata*, de Aveiro, se insurge contra um dos casos que vâmos citar:

Resta que os republicanos historicos de todo o país se voltem a unir e, de cacête em punho, de bacamarte, corram, afastem para longe os vendilhões do templo...

* * *

Mas vâmos aos casos.

Para o logar de conservador do Registo Civil em Aveiro acaba de ser nomeado o bacharel Joaquim Peixinho.

Este senhor — segundo *O Democrata*, jornal de indubitavel seriedade—*factotum* do celebre conde de Agueda, propoz-se já ao sufragio eleitoral como senador *independente*, sob protecção unica de elementos monarquicos, e acaba de aderir ao partido evolucionista e ser nomeado conservador do Registo Civil. São fazes e necessidades dos politicos policrómos.

O snr. ministro da Justiça nomeou ha algum tempo já para o logar de ajudante do escrivão do 1.º oficio da 3.ª vara de Lisboa um conspirador.

O snr. ministro da Instrucção acaba de reintegrar no logar de professor de Fatanças (Vouzela), com o pagamento de todos os ordenados relativos a quatro anos que desse lugar esteve afastado, o celebre conspirador, padre Joaquim de Figueiredo.

Abstemo-nos de pormenorisar estes casos e, a proposito, ocorre-nos a pergunta: Quando acabará tão irritante situação?

Como se vê, o sr. Ministro da Justiça não tem mãos a medir. Pela sua pasta não se fará mais nada. Não sairão decretos de vulto tendentes a acabar com tanto que ainda peja os tribunaes, sem razão, nem direito de existencia, mas protecção aos inimigos do regimen, benevolencia—que dirêmos? — transigencias aviltantes, que não significam, sr. Mesquita Carvalho, é o pão nosso de cada dia.

Ultimamente tem sido de mais. Parece até que ha o proposito firme, decidido, de corromper tudo. Deixar ándar, deixar correr. Que a consciencia dos republicanos, que o não são por interesse, por despeito ou por qualquer motivo menos digno, está julgando e, em ultima instancia, sentenciará...

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Central*.

O NOSSO ANIVERSARIO

PALAVRAS AMIGAS E DE SOLIDARIEDADE

De *O Povo de Cambra*, de Macieira de Cambra:

"O Democrata,,

Entrou no 10.º ano o nosso presado colega *O Democrata*, de Aveiro, de que é director o nosso amigo Arnaldo Ribeiro.

Ao valente jornal republicano radical desejâmos as maiores prosperidades. Ao seu director e nosso amigo, as nossas felicitações.

De *A Evolução*, de Vila Real:

"O Democrata,,

Entrou no seu decimo ano de existencia, este bem redigido semanário que se publica em Aveiro.

As nossas felicitações.

De *O Combate*, da Guarda:

"O Democrata,,

Entrou em novo ano este nosso colega de Aveiro, lutador vigoroso, destemido e... perseguido.

Agora mesmo está para responder a uma querela. Porquê?—precisamente por ser um lutador, desses que não dobram a cerviz ás conveniencias, nem enrodilham a consciencia ao sabor de ambições.

Austéro e firme, *O Democrata* continúa a combater pela justiça, por essa justiça que não ha meio de libertar das mãos dos que lhe vendaram os olhos, de modo a não vêr quanta baixeza, hipocrisia, cinismo e infamia se acoberta sempre e se acoberta ainda sob o negrume soléne dos tribunaes.

Perguntar-nos-ão se a Republica, porque combatemos e tanto desejâmos, não está aí? Em verdade, está aí a Republica; sómente, com ela ficaram os escalrachos monarquicos, ficou todo o virus que as almas continham e que tão cêdo não será extinto.

Que o valente coléga se mantenha no seu posto de combate são os nossos votos, enviando-lhe calorosas saudações.

De *O Leverense*, de Lever, Vila da Feira:

"O Democrata,,

Em Aveiro, completou aquele nosso coléga o seu 10.º aniversário.

E' um semanário intemerato e que naquela cidade pugna pelos interesses da mesma e principios verdadeiramente republicanos.

Ao seu director e demais corpo redactorial, um aperto de mão e um sincéro abraço.

Do *Correio da Feira*:

"O Democrata,,

Passou ultimamente por mais um ano de vida na imprensa periodica este nosso coléga, denodado campeão da democracia no distrito de Aveiro.

Felicitâmos cordealmente o sr. Arnaldo Ribeiro, seu director e proprietario, desejando as melhores prosperidades ao jornal em que a sua alma sã de republicano tanta vez se tem feito ouvir.

Do *Povo de Agueda*:

"O Democrata,,

Por um lapso, de que pedimos muita desculpa ao nosso bom amigo Arnaldo Ribeiro, deixamos de o felicitar pelo aniversário do seu intransigente jornal *O Democrata*.

O Arnaldo conhece bem que essa falta nunca podia ser proposítada e por isso vão para ele as nossas desculpas e para o seu jornal, tão odiado pelos parasitas de toda a ordem, o nosso desejo de o vêr passar triunfante por sobre todos os máus republicanos.

O "DESERTAS,,

Caso não seja possivel, como tudo leva a crêr, o salvamento deste vapor, ex-alemão, encalhado na areia, ao sul da Costa Nova do Prado, nem por isso o govêrno deixará de receber a respectiva indemnisação do seguro, que é computada em mais de 500 contos.

O *Desertas* continua no mesmo sitio sem que se tenham iniciado por enquanto quaisquer trabalhos tendentes a arranca-lo á sua prolungada imobilidade.

Auto-bomba

Para serviços a prestar fóra da cidade, pensa a antiga companhia de bombeiros voluntarios adquirir uma auto-bomba que lhe permita levar prontos socorros a logares distantes, tendo nesse sentido lançado já o plano que deliniou afim de conseguir os indispensaveis fundos.

Louvâmos a iniciativa com a qual muito terão a lucrar os que tiverem a infelicidade de serem vitimas de algum incendio.

O Hospital de Aveiro

Ha iniciativas que só por si bastam a impôr á gratidão de todos, os que as exteriorisam; mas se tais iniciativas tomam corpo, se materialisam, se se transformam numa realidade, então á gratidão dos que delas especialmente pódem usufruir os beneficios, deve juntar-se a veneração, a admiração, a estima geral, o completo reconhecimento, emfim.

E tudo isto deve requintar ainda na sinceridade desses sentimentos, se a iniciativa esboçada se manifesta dentro dos principios gerais de humanidade, do altruismo, do amor, do carinho, do socorro ao desprotegido, ao desgraçado que as vicissitudes da vida lançaram á margem, ao abandono, á miséria.

Está neste caso a iniciativa da meza da Mizericordia de Aveiro, lançando as bases de um hospital, que por várias vezes esteve condenado a não passar de iniciativa e a que, atravez de contrariedades e óbstaculos de variada ordem, conseguir pela sua perseverança e força de vontade, arrancar depois o edificio do projecto arquitectonico.

Visitei, ha dias, essa esplendida casa hospitalar da Mizericordia de Aveiro e fiquei surpreendido com a magnifica instalação.

Acompanhou-me na visita o dr. Lourenço Peixinho, provedor da Mizericordia, que me descreveu todos os trabalhos feitos, todas as obras a efectuar, todo o plano do futuro hospital que num prazo maximo de dois anos conta estar concluido.

Simplesmente admiravel a obra levada a cabo com tão acanhados recursos e comovente o entusiasmo com que o dr. Lourenço Peixinho me falava nos seus projectos, na fórma como executou já uns e como conta efectivar outros.

O hospital, como edificio, é esplendido; como instalação é modelar; como asseio é irrepreensivel.

As duas enfermarias já instaladas, uma para homens outra para mulheres são magnificas, são quasi encantadoras na sua brancura de leite, cheias de ar, de luz, entrando a jorros pelas suas altas janelas; camas muito brancas, colchas de néve, aparelhos de uzo imediato, mêsas de medicamentos, tudo num conjunto e disposição que nos dão, aos visitantes, uma grata impressão de bem estar, de conforto, de alivio, quasi de alegria, para que nem mesmo faltam lindos vasos de flôres a par ainda duma nota de bom gosto, de atencioso cuidado no meio da sevéra disposição regulamentar dum hospital.

Depois a pequena enfermaria destinada aos doentes que, pelo seu estado de saúde nem devem ser incomodados, nem devem incomodar os outros.

Os aposentos dos pensionistas, a farmacia, a cosinha, a enfermaria dos tuberculosos ainda em construção e depois os projectos da Maternidade, sala de operações, arsenal cirurgico, confraria, que se encontram em instalações provisorias.

E o dr. Lourenço Peixinho, descrevia-me tudo minuciosamente, apontava tudo, mostrava-me todas as dependencias da soberba instituição de caridade, terminando por fim num armazem terreo onde se encontrava todo o mobiliario do antigo hospital.

Que contraste! Que horror lembrar só que durante dezenas de anos foi com tal material que se acudiu á desventura dos infelizes que á Mizericordia recorriam para ter ao menos no ultimo momento o conforto de não morrerem ao abandono, num casebre sem telhas ou na valeta de uma estrada!

—Mas é só á custa dos poucos rendimentos da Mizericordia que tens conseguido tudo isto, perguntei por fim ao dr. Lourenço Peixinho.

—Ah! não! Peço.

—Pédes?!

—Sim peço a todos que me deem o que pudérem; entro em casa de todos e a todos lembro que isto é uma obra de todos nós, que todos temos o dever de auxiliar, por que é um acto de caridade.

—De fórma que junto com o medico vai sempre a tua grande alma de filantropo pedir a todos o obulo, a esmola bendita com que reconfortas aqui os tristes que do conforto de tão digna e nobre esmola precisam.

—E' necessario, para que os rendimentos da Mizericordia fiquem quanto possivel para as obras de conclusão.

Mas não falemos de mim, falemos do hospital por que isto que aqui está, se está, é porque a meza assim o deseja e quer, é ela que aprova tudo que eu faço e me dá amplos poderes para eu fazer o que entenda por bom.

—E' digna a meza dos maiores louvôres e se ela assim te facilita a acção é porque sabe até onde vai a tua dedicação, o teu inteligente esforço, a tua vontade de ferro criteriosamente orientada.

Toda a bôa vontade da meza fracassaria se ela não tivesse encontrado quem, como tu, soube interpretar os seus desejos e pô-los em execução tão dedicada e inteligentemente.

E despedimo-nos.

Humberto Beça

Consequencias

Consta-nos que por via dumas injustas referencias do *Povo da Murtoza* ao cabo Silva, houve um conflito com este e o director do jornal, dr. João Carlos Tavares, não sendo extranho a ele a debatida questão da pesca tão mal conduzida pela imprensa que defende o arbitrio baseada em perfeitos absurdos dentro do atual regimen.

Não houve ferimentos, mas ao que parece o sr. dr. João Carlos passou um bem mau quarto de hora.

Notas mundanas

Com sua esposa e filho, vimos nesta cidade já restabelecido da doença que o reteve algum tempo afastado do serviço, o esclarecido clinico de Eixo, sr. dr. Eduardo Moura.

✠ *Tem estado na sua casa de Alquerubim, o sr. Adolfo Marques de Oliveira, digno empregado da Imprensa Nacional de Lisboa, que esta semana nos deu o prazer da sua visita.*

✠ *Depois de ter passado uma temporada em Matosinhos, regressou a Ovar, o sr. Antonio Augusto Fragateiro, acreditado negociante.*

✠ *Estivéram em Aveiro os deputados, drs. Brito Guimarães e João Elisio Sucêna.*

Uma carta

Do nosso antigo assinante de Amoreira da Gandara, sr. Manuel Gomes Junior, recebemos a carta seguinte:

Meu caro Arnaldo

Mando-lhe um vale da importancia de 1$20 para pagamento da minha assinatura do *Democrata*, relativa ao ano pp. Se quizer envie-me o recibo e desculpe eu não ter ido aí, como disse.

Tenho seguido de perto o esforço de *O Democrata* para que a Republica seja aquilo que todos prometiam no tempo da luta contra o decomposto regimen dos adeantamentos e louvo-o por essa atitude rigida e independente, sã e patriotica. Mas os homens parecem apostados em fechar os olhos e os ouvidos á evidencia e á razão. Que prosiga e não desanime, são os votos de todos os sinceros republicanos. Mas—que digo eu?—a culpa de tantos desatinos e tropelias á Democracia vem de cima e principalmente dos que não podendo triunfar pelo seu valor desinteressado, estão apostados em predominar pela intriga e com a negação dos bons principios e da bôa conduta, da lealdade e da fé republicana.

Prosiga sempre, meu caro Arnaldo, e mande ao

Corr.º certo, etc.

Amoreira, 8—4—1917.

Manuel Gomes Junior

Não era, decerto, esta carta destinada á publicidade. Ela, porêm, reflete tão nitidamente o estado de espirito do seu signatario, velho republicano, e condiz tanto com outras que sobre o mesmo assunto temos recebido, que pedimos licença a Gomes Junior para a tornarmos publica, felicitando-nos pela companhia.

SOCIEDADE

Comunica-nos o activo industrial de Oliveira de Azemeis, sr. José Maria Soares Corrêa que, por escritura publica, acaba de constituir uma sociedade para a exploração comercial de sola e cabedaes, que girará sob a firma colectiva de *Soares Corrêa & Souza*, com séde na mesma vila, onde continua aguardando as ordens de todos os seus amigos e antigos freguezes.

Atendendo ás qualidades de trabalho do gerente da casa, á seriedade com que são feitas as transações e a todo o mais que concorre para estabelecer a confiança no novo estabelecimento, de crêr é que lhe estejam reservadas largas prosperidades como de tanto é digno quem se abalança ás mais rasgadas iniciativas fiado apenas no seu esforço, no seu valimento.

Está na conta

—==(*)==—

Os jornaes que mais se teem ocupado ultimamente de crise ministerial aventam a ideia de ser chamado de novo ao poder para gerir a pasta das colonias um cavalheiro que dá pelo nome Lisboa de Lima.

Está na conta. Por todas as razões e mais esta que vem apontada no nosso conceituadissimo coléga de Loanda, *Jornal de Angola*, a proposito da apresentação da sua candidatura pelo circulo donde pretendia o diploma de deputado:

. . . .

Ha aí alguem capaz de negar que o candidato Lisboa de Lima é um monárquico retinto?

Desconhecem os que protegem a sua candidatura que este cavalheiro que a Angola **serviço algum prestou, antes a ia intregando pacificamente aos alemães,** do que só o estalar da guerra europeia nos salvou, foi um dos *talassas* que os republicanos de Lourenço Marques escorraçaram da provincia de Moçambique?

Ignora alguem que foi este homem nefasto o autor do decreto-burla sôbre o caminho de ferro de Ambaca, que arredou para muito longe a solução desta questão, com gráve prejuizo do fomento e desenvolvimento das riquezas do *interlannd* de Loanda?

Quem ha em Angola que possa esquecer que foi o sr. Lisboa de Lima quem, como ministro das colónias, consentiu na vinda para o sul da província da célebre missão de estudos alemães, cujo unico fim era a montagem dum largo e bem organizado serviço de espionagem, preparatorio da espoliação de que a esta hora já teriamos sido vitimas se não fôsse o estalar redentor da guerra europeia?

Meditem os eleitores de Angola que essa missão alemã ao sul da província, filha do acrisolado germanofilismo do sr. Lisboa de Lima, é o mais repugnante, o mais miserável e cobardemente premeditado de todos os crimes de lesa-patria que hade registar a história dos nossos dias.

Não foi ainda o mesmo sr. Lisboa quem, como ministro das colónias, deu terminantes ordens, quer ao governador geral de Angola, quer ao comandante da expedição, para que não cometessem o mais pequeno acto de hostilidade contra os *boches* da Damaralandia, ao mesmo tempo que as armas portuguêsas sofriam o revés da Naulila?

Poderá alguem olvidar o acto imoralissimo pelo mesmo ministro praticado de ter mandado a Angola, como seu delegado, a titulo de fazer um inquérito aos acontecimentos do Congo, o seu chefe de gabinete e parente, a quem mandou abonar pingues gratificações, só para assim lhe poder dar, á custa dos depauperados cofres publicos da provincia, um belo presente de nupcias?

Ora, se ninguem ignora todos estes factos, que comprovam que o candidato Lisboa de Lisboa é um monarquico convicto, incapaz de colaborar na patriotica obra de resurgimento da Patria pela Republica que os republicanos se impozeram, pódem os *velhos e sinceros republicanos* impôr ao eleitorado de Angola tal nome?

Não.

E de duas uma: ou esses *velhos republicanos* querem rasgar todo o seu passado, o que só temos a lamentar, ou reconhecem que esse mesmo passado, que tem paginas de honra, lhes impede votar tal nome, **deixando apenas aos monarquicos a triste gloria de levarem ao Congresso o monarquico Lisboa de Lima.**

Do Congresso, felizmente, tiveram os angolenses a ombridade de o afastar. Mas do que eles talvez se não livrem é de o terem de novo como ministro, dada a enorme cotação que já conquistou no seio dos magnates republicanos.

Eles e nós — a Republica, afinal, que só destes servidores lhe arranjam para não desmerecer do que é—uma autentica monarquia de barrête frigio.

E não querem que bradêmos ás armas. . .

PELA IMPRENSA

—==(*)==—

"O Porvir,,

Completou 22 anos este nosso distinto confráde que se publíca em Beja sob a direcção do sr. Oliveira de Almeida.

Inteligentemente redigido, *O Porvir* é um jornal dos que melhor tem servido a causa que tambem defendemos e por isso o felicitâmos, abraçando o seu corpo de redacção.

"O Jornal de Estarreja,,

Entrou no 31.º ano, que comemora com alguns artigos de vários colaboradores escritos especialmente para esse fim.

As tradições do seu fundador José Mortagoa são ali continuadas pelo sr. Carlos Alberto da Costa, que tem mantido o jornal extranho á politica, pugnando apenas pelos interesses do concelho.

Receba os nossos parabens.

Novo Banco

Foi na passada segunda-feira, no Porto, outorgada a escriptura da constituição do Banco Popular Português, com séde na rua do Loureiro, n.os 46 a 52.

O distrito de Aveiro foi o da provincia que contribuiu com mais elevado capital, sendo 79 contos de acções liberados e 70 de não liberados, ou sejam 149 contos, o que representa, sem duvida, uma avultada importancia, digna de registo.

Fica sendo delegado do mesmo distrito, o sr. Antonio da Maia, ao trabalho incansavel de quem se deve uma tão grande inscrição de subscritores que, devido á propaganda persistente e fatigante daquele, compreenderam a futura acção economica e financeira desta instituição, á qual já largamente aqui nos referimos.

Ha ainda a recomenda-la o caracter e valor de quantos compõem o seu conselho de administração, cujos nomes se impõem ao conceito publico pela confiança que inspiram e pela dignidade que representam.

No principio do proximo mez devem iniciar-se os trabalhos do novo Banco, cuja delegação, nesta cidade, ficará estabelecida á Rua do Cáes, n.º 15—1.º.

C. E. P.

—==*==—

Indicações uteis para o envio de correspondencia destinada aos militares que se encontram em França

. . . Sr. Director do jornal *O Democrata*

Aveiro

Junto tenho a honra de remeter a V. o oficio circular, dirigido ás autoridades civis e militares, para conhecimento destas e do publico em geral, destinado a esclarecer as familias dos militares, que fazem parte do C. E. P. em França, ácerca da maneira como a estes deve ser dirigida a correspondencia, e bem assim sobre o modo de enviar para os mesmos, encomendas postais e tabacos, para o que em nome de Sua Ex.ª o Sr. Ministro da Guerra, rogo a V. a maior publicidade no seu mui lido jornal.

Saude e Fraternidade

Lisboa, 7 de Abril de 1917.

O chefe da repartição,

Julio Pedro de Macedo Coelho

Coronel da Administração Militar

* * *

Sua Ex.ª o Ministro da Guerra determina que se comunique a V. Ex.ª o seguinte para seu conhecimento, das tropas do seu comando e **do publico em geral:**

1.º—As correspondencias para o C. E. P. em França, são expedidas diariamente pelas estações centraes do correio de Lisboa e Porto, depois de previamente censuradas, em malas fechadas e directas.

2.º—Toda a correspondencia dirigida aos militares do C. E. P. deve conter no endereço o nome, posto, numero, batalhão, grupo, companhia, bateria, esquadrão ou formação, regimento a que pertencem na metrópole, sem indicação da brigada ou agrupamento superior. A designação de C. E. P.—France, deve ser escrita em caracteres bem legiveis.

Não se mencionará o numero de brigada ou regimento do C. E. P. mas sim o numero que á respectiva unidade pertença na metrópole.

As formações serão indicadas pelas respectivas iniciaes conforme o quadro que em seguida se transcreve.

A indicação de *Quartel General* só será uzada na correspondencia dirigida ao militares que a este pertencem.

3.º—A correspondencia particular expedida do Continente e Ilhas para oficiais, praças e civis que formam o C. E. P. deve ser franquiada com as respectivas taxas empregadas no serviço nacional, visto o territorio ocupado pelas tropas ser considerado nacional. A correspondencia pode ser registada, pagando-se o premio de registo de 5 centavos, mas unicamente com o intuito de melhor fiscalisação na sua entrega, não assumindo, porêm, o Estado, responsabilidade pela indemnisação de qualquer dessas correspondencias em caso de extravio.

4.º—A correspondencia oficial é isenta de franquia, devendo contudo, cobrar-se a taxa de 5 centavos por cada uma, pelo premio de registo, quando sejam registadas.

5.º—As encomendas postais devem ser endereçadas pela mesma fórma que as correspondencias, podendo ser apresentadas em qualquer estação postal, que cobrará por cada uma a taxa respectiva ás encomendas para França; isto é, 35 centavos. A expedição das encomendas para o seu destino é feita de Lisboa e Porto pela mesma fórma que a das correspondencias.

6.º—Quanto á expedição de tabacos, pódem ser enviados como encomendas postais ou como amostras simples ou registadas, com a condição porêm de que todo o conteudo das encomendas ou amostras, embora esteja isento de direitos alfandegarios, em França, deve ser destinado exclusivamente a uzo dos destinatarios respectivos.

7.º—Os valores declarados não pódem ser permutados por intermedio postal.

Numero dos quadros e abreviaturas porque devem ser representadas as diferentes unidades e formações

Quadros n.os 1, quartel general, Q. G. C. E. P.; 2, quartel general de brigada, Q. G. B. I.; 3, companhia de sapadores mineiros, C. S. M.; 4, secção de telegrafistas de campanha, S. T. C.; 5, secção de telegrafia sem fios, S. T. S. F.; 6, secção de telegrafistas de praça, S. T. P.; 7, companhia de pontoneiros, C. P.; 8, secção de projectores, S. P.; 9, trem de engenharia automovel, T. E. A.; 10, grupo de batarias montadas, 7cm,5 T R, G. B. M.; 11, grupo de obuzes, G. B. O.; 12, batarias de morteiros 5cm, B. M. 5cm.; 13, batarias de morteiros de 7cm,5, B. M. 7cm,5; 14, grupo de esquadrões, G. E.; 15, grupo de metralhadoras pezadas, G. M.; 16, regimentos de infanteria, R. I.; 17, coluna de munições, C. M.; 18, ambulancias, A. M. B.; 19, coluna de transporte de feridos, C. T. F.; 20, coluna automovel para transporte de feridos, C. A. T. F.; 21, coluna de hospitalisação, C. H.; 22, serviço de higiene e bacteriologia, S. H. B.; 23, secção de estomatologia, S. Est.; 24, secção automovel para transporte de agua, S. A. T. A.; 25, trem de bagagem e viveres, T. B. V.; 26, comboio automovel, C. A.

2.ª *linha* — Quadros n.os 27, quartel general da base, Q. G. B.; 28, depositos de infanteria, D. I.; 29, deposito mixto, D. M.; 30, deposito de cavalaria, D. C.; 31, deposito de remonta, D. R.; 32, hospital de cirurgia, H. C.; 33, hospital de medicina e depósitos de convalescentes, H. M.; 34, estação de evacuação, E. Ev.; 35, deposito de material de engenharia, D. Eg.; 36, deposito avançado de material de engenharia, D. A. Eg.; 37, deposito de material de guerra, D. A.; 38, deposito avançado de material de guerra, D. A. A.; 39, oficina de montar munições de artilharia 7cm,5 T. R, O. M. A.; 40, deposito de material sanitário, D. S.; 41, deposito avançado de material sanitário, D. A. S.; 42, deposito do serviço veterinario, D. V.; 43, deposito avançado do serviço veterinario, D. A. V.; 44, deposito de subsistencias, D. Sub.; 45, deposito avançado de subsistencias, D. A. Sub.; 46, deposito de fardamento, D. F.; 47, deposito avançado de fardamento, D. A. F.; 48, deposito de material de aquartelamento de bagagens, D. A. B.

AGRADECIMENTO

Alexandre Ferreira da Cunha e Sousa, tendo, no dia 5 do corrente, dado uma quéda na Rua do Espirito Santo, ao desviar-se dum carro, a cuja má direcção, pela impericia do cocheiro que o guiava, se deveu esse acontecimento, foi socorrido com toda a presteza e dedicação por algumas pessoas, que muito profundamente o captivaram. Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a cada uma, como lhe cumpria e era seu desejo, este tão grande favor, por as não conhecer, e por não poder indagar-lhes o nome, pelo estado de excitação em que ficou, vem, por este meio e muito comovidamente, manifestar-lhes o seu profundo agradecimento e testemunhar-lhes a sua grande e indelevel gratidão.

Aveiro, 11 de abril de 1917.

Necrologia

—==*==—

Depois de alguns mezes de sofrimento, faleceu na quarta-feira a esposa do sr. Francisco dos Reis Santo Tirso, que no mesmo dia teve um funeral assaz concorrido.

Era irmã do sr. dr. Antonio Duarte Silva, advogado nos auditorios da comarca.

= Tambem se finou em Ilhavo o sr. José Ançã Junior, pae dos srs. padre Manuel Ançã e conego José Maria Ançã, tendo ido egualmente acompanha-lo á ultima morada grande numero de amigos seus e da familia em luto.

= De Braga, onde acidentalmente residia, foi comunicada para esta cidade, no dia 10, a morte do sr. dr. José Libertador Ferraz de Azevedo, que aqui exerceu as funções de agente do Ministério Publico, e na visinha comarca de Vagos as de juiz de Direito até á sua transferencia para Oliveira de Frádes.

Era solteiro, natural de Coimbra e contava apenas 48 anos de edade.

= Com 70 anos incompletos deixou de existir em Leiria, a sr.ª D. Augusta de Mendonça Freire, virtuosa e estremecida mãe do sr. Jacinto Mendonça Freire, socio da importante firma do Rio de Janeiro, Freire Guimarães & C.ª, e das sr.as D. Flavia de Souza e D. Deolinda Freire de Brito, esposa do nosso velho amigo Alfredo Cézar de Brito.

Aos doridos expressa o *Democrata* as suas condolencias.

Coisas da vida...

—==(*)==—

Quando os primeiros raios de sol iluminaram as rasgadas janelas do quarto onde se recolhera o *ilustre homem publico*, foram já encontra-lo de olho aberto, cabeleira espalhada sobre a almofada, palidez cadaverica, fitando o tecto numa imobilidade aterradora.

Mal passára pelo somno, após uma longa canceira de espirito, medindo e pezando o *imorredoiro* descalabro da vespera.

Não havia duvida. Aquilo fôra um verdadeiro desastre, com a agravante de pôr a nú o seu autentico valor.

— Mas que sempre heide caír nestas *arrioscas* que me prepara o tio... Devia ter visto, continuava considerando o *ilustre homem publico*, que em boa verdade nada de positivo resultaria da minha aparição no espectaculo, nem da realisação da anunciada conferencia. Mas o tio, o tio, a dizer-me que *a acquiescencia ao pedido era de grande alcance para os nossos fins e seria muito considerada por o elemento operario!* Porque afinal, embora houvessem palmas, apoiados, tudo foi uma simples deferencia aparente, dedicações de alguns amigos. Um monumental e autentico fiasco, sou o primeiro a convencer-me. E depois, onde diabo tinha eu a cabeça quando me lembrei dizer—*que não estava preparado ?!* Sobre queda, coice... Então um homem é convidado para uma conferencia, aceita, vem de Lisboa, vai ao local do sinistro, apresenta-se devidamente uniformisado, anda para traz, anda para deante, diz várias heresias, calinadas lacrimosas, apresenta soldados *chorando como num dia de sol a chover*, etc., e no fim—não estava preparado !? Tenho de convencer-me que alêm da oração de campanario, não passo! Mas sempre o tio a encravar-me e eu a deixar-me ir no embrulho... Conto com o *Campeão*, o *Bébes*. O orgão do meu partido, mesmo, deve dizer; sim, devem atenuar tudo. Mas para quantos presenciaram o desastre... Sempre caí numa!...

E num repelão, ergueu-se e... agita o timbre, ruminando: veremos se contrabalanço o desastre de ontem e se consigo que o Joaquim entre cá para o *grupo*. O tio diz que sim, que tudo está disposto e preparado. Mas... será outro *encravanço ?!*

E instintivamente agitou de novo o timbre, cujo *som de bronze* ecoou por todo o predio com uma resonancia impertinente.

Já acordou o *Migas*. Vai lá *Lulu*, vai vêr o que será preciso.

E o *Lulu*, em quatro pulos, entra na câmara, destendendo a face num daqueles sorrisos que logo definem a pessoa...

Havia tempo de almoçarem, sem encomodos. O Joaquim prometera vir. Não faltaria, embora mais tarde.

Independente do jantar comemorativo, onde se reuniriam todos os correligionarios dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, parada de força com o Joaquim á frente, representando tres mil milhões de votos—tantos quantos contos oferecem os E. U. da America aos aliados—sempre quereriam vêr a cara ao lado dos que pensam, dos que tentam sacudir a grande, a celebre companhia exibida em todos os tempos e em todos os tablados politicos: desde a feroz reacção politica religiosa até ao mais radical e furibundo... democratismo.

O *Migas* erguera-se, aplacando a grenha hirsuta e colocando logo o monoculo, autorisado distintivo da idiotice moderna.

O almoço correra frio, nos pratos e nos espiritos. O *Zé Bidaia* não escondia o desapontamento pelo fiasco da vespera.

Caso arrumado, ou bem ou mal, esperava-se apenas a compensação, aderindo o Joaquim ao democratismo, trazido ao *grupo* pela mão do nosso *Migalhas*, que, aproveitando o caso, seria o proprio portador do manifesto dos ortodoxos para o sr. Afonso Costa.

— Como eles compreendem e agradecem a minha dedicação e o meu valor... Tratam assim quem agora trouxe para ti, Afonso, só para ti, o Joaquim, portador seguro de tres mil milhões de votos!!

Antevia-se a cara de sentido

agradecimento de Afonso, apertando-lhe a mão, enternecido, ainda que a lembrar-se do José Luciano, do José Estevam, do Braamcamp e de todos quantos na proporção das dedicações havidas receberam o premio da mais vil e afrontosa ingratidão!

A aquisição do Joaquim era, sem duvida, uma brilhantissima vitoria... por todas as razões.

— Mas ele disse que vinha?— pergunta o *ilustre homem publico*.

Uma campainhada violenta respondeu a estas palavras. Estenderam-se os pescoços e apuraram se os timpanos. Era ele.

De subito, porêm, uma voz adoçada e cheia, exclama:

— Barato, fino!... Vai um fato de casimira, bom? Cheviotes, ou alguma coisa da especialidade?

Foi um desapontamento. O relogio indicava mais duas horas decorridas. Joaquim... nada!

Outra vez a campainha vibra com força.

— Agora sim, agora é ele.

Mas, outra voz apregoa—rendas, entremeios, camizolas finas, lenços... Oculos, lunetas, binoculos...

Que diabo! O tio enfiava já, procurando evitar discutir as razões de tal demora.

Passam-se mais tres horas e Joaquim... nada! Nesta altura alguem sóbe a escadaria. Não resta duvida. Trocam-se olhares significativos e todos acodem á porta. Formidavel desapontamento! Era a Joaquininha Carvalho, parteira, que no desempenho da sua misão e chamada a toda a pressa, confundira a casa onde reclamavam os seus serviços, exclamando logo de entrada:

— Hade ter uma boa horinha; Nossa Senhora acudirá com a sua graça e protecção... Não hade ser nada, não hade ser nada...

Desfeito o engano, a atmosfera tornou-se insuportavel. Respirava-se com dificuldade. O jantar foi um enterro. Era preciso saír daquela situação.

Aparece o doutor amigo, que tanto se esforçou para a organisação da lista camararia, que morreu... á nascença e pouco depois o *Badaméco*. O tio recusa encorporar-se na *japoneza* que tinha de ir procurar o Joaquim. O Joaquim que faltava tão desumanamente ao compromisso.

— Vâmos nós os dois—aventa o *ilustre homem publico* ao magistrado.

Badaméco fica com o secretário, que não se atrevera a mecher-se.

— Truz, truz, truz! O sr. dr. está?

Era escusada a pergunta, porque a creada era... ele.

— Façam favor: aqui para esta sala. Senta-te aí Zé e o dr. aqui, aqui...

O *ilustre homem publico* aflora ao esverdinhado rosto o seu melhor sorriso e amavelmente, lhanamente, pousando a cadaverica mão sobre o hombro robusto do Joaquim, enquanto ajusta melhor ao olho o monóculo, e entra no assunto, depois de

Varios ditos, graças, ironias
Sem perceber que o bom Joaquim
Não gostava daquelas cortezias...

— Você, compreende: não posso aderir a um partido do qual saíram as maiores infamias contra mim! Você sabe, você leu, doutor, e não sei se alguem enviou algum exemplar da obra para Lisboa. Insultaram, caluniaram-me indecorosamente. Chamaram-me tudo e você sabe, doutor, donde...

— Mas—interrompe o interpelado que viu logo o caldo entornado—se você exige, essa mesma pessoa a quem é atribuida a paternidade do caso, desdiz-se; escreve outro manifesto afirmando o contrario, esclarecendo a sem razão que...

— Ora muito obrigado, muito obrigado; depois de burro morto...

— Mas ouça, ó Joaquim: você fica sendo o chefe local do partido, dou-lhe carta branca para pôr e dispôr, fazendo quanto entenda conveniente e proveitoso para nós. Irradia, excomunga tantos quantos historicos ou prehistoricos, você entenda que não convém. Nestas condições — que diabo! — não ha que vacilar. Veja você bem a lealdade das minhas palavras e quanto não lucraria o partido...

— Não, não aceito e demais é cêdo para me envolver de novo em politica, de que me cancei. Peço que não insistam, porque seria impertinente.

— Nesse caso, replica o *ilustre homem publico*, não querendo você fazer uma adesão politica, faça ao menos uma adesão pessoal...

E o Joaquim, fitando com pasmo e curiosidade o proponente, medindo-o dos pés á cabeça, pergunta:

— Uma adesão pessoal?! A quem?

— A' minha pessoa—retorquiu o outro.

— A' tua pessoa, Zé Maria? A' tua pessoa? Uma adesão pessoal á tua pessoa, Zé? A' tua pessoa, que está sustentando essa desgraçada e vergonhosa situação de um Chico qualquer a desempenhar sete logares? A ti, Zé, que estás feito advogado e procurador de qualquer Zé de Pinho, cobrindo com o teu nome todas as suas pretenções justas ou ilegais? Oh! Zé: não é o filho de meu pae que cai d'aí a baixo. Nem pensemos ém tal, nem percâmos mais tempo.

Joaquim era formal. Uma nuvem escura de desalento desceu sobre o coração do visitante. Trocados os cumprimentos de despedida, sái com o companheiro dedicado pela mesma escada que antes havia subido, tão cheio de esperança e alegria.

Era o segundo fiasco em 48 horas apenas!

Mal teriam chegado a meio caminho de casa, recebia Joaquim das mãos de alguem um telegrama. Era do ministro da justiça, participando-lhe a *injustiça* do seu despacho para logar chorado.

E então Joaquim, vendo perder-se a distancia a sombra dos dois *amigos*, esboça para si mesmo aquele sorriso unico e caracteristico das magnas comedelas, e mormura: adesão pessoal, adesão pessoal! A adesão está aqui, Zé!

E agitando na mão o impresso, cruza os braços em fórma muito conhecida e significativamente nacional, para acrescentar logo:

— Toma, toma!...

DESASTRE

Por ter caído á linha, entre as estações de Ovar e Estarreja, deu entrada no hospital com uma das pernas bastante ferida, o guarda freio Joaquim Luiz Fernandes, que, cheio de dôres horrorosas, teve de aguardar umas poucas de horas o curativo visto o medico da Companhia se não dignar aparecer onde o dever o chamava.

Este caso, que não é unico, ainda agora está sendo severamente comentado.

CORRESPONDENCIAS

Requeixo, 4

Dissémos em carta anterior que o sr. padre Joaquim Tavares Xavier, ex-paroco de Requeixo, se despediu desta freguezia evidenciando um procedimento de vingativo inqualificavel, nada havendo que justifique o seu gesto nem a sua revira-volta, pretendendo á ultima hora continuar a paroquiar Requeixo depois da apresentação, aqui, do rev. Baltazar d'Almeida.

Historiemos:

Depois da magustada de *castanhas* que comeu entre as povoações de Mamodeiro e Povoa de Valado, o padre Xavier, segundo informações que reputâmos seguras, dirigiu-se ao bispo pedindo a sua transferencia para outra freguezia, indigitando para seu sucessor em Requeixo, o sr. Baltazar. O chefe do bispado deferiu a pretenção e o indigitado sucessor de Xavier apresentou se a cumprir as ordens do superior. A esse tempo, porêm, já o ex-paroco havia reconsiderado, segundo se deduz do pedido feito ao sr. Baltazar: ficar ele Xavier com a capelania de Mamodeiro para assim ter ensejo de viver em Requeixo. Baltazar não esteve pelos autos; todavia, para não desgostar ninguem ou levantar atritos, deixava o cargo de que se achava investido, quando o bispo assim o ordenasse, o qual, sendo consultado, manteve o despacho feito, isto é, Baltazar para Requeixo e Xavier para Tamengos. Cruel decepção para o arrependido Xavier ao vêr fugir-lhe a mina que, cremos, havia 11 anos, explorava com a mestria dum usurario confesso; a par disto, iamos dizendo, constava que as novas ovelhas eram mais bravias que as de Requeixo.

Vista a recusa formal, quer por parte do bispo, quer pelo rev. Baltazar, lá se resignou o bom Xavier com a ordem das coisas. Contudo, não escondia o seu desgosto como tambem não ocultava o seu odio contra o *teimoso* Baltazar, e desse odio e desse desgosto inconfessaveis lhe brotou na alma o desejo de vingança.

Padre Xavier sabia perfeitamente que o povo, na sua maioria, representa, não o simbolo de carneiro mas o de cordeiro, e por isto e como desforço não quiz que as suas ex ovelhas ficassem por mais tempo imersas na ignorancia. Como demonstrar-lho e como exercer a sua vingança? Avistar-se com a auctoridade competente e dizer-lhe que o novo paroco de Requeixo era incompetente para detentor do arquivo paroquial, o que foi bastante para ele ser recolhido á Conservatoria de Registo Civil.

Assim se vingou a santa creatura: do seu sucessor por acatar as ordens superiores; dos paroquianos por se ficarem de braços cruzados e não se impôrem ao bispo exigindo dele a conservação de Xavier como paroco desta freguezia!

Que faça muito bom proveito a todos e sobre tudo ao povo, já que não teve coragem para vergalhar a cara ao que o depenou durante 11 anos, pagando-lhe agora com essa vingança ridicula como ridiculo não póde deixar de ser o cérebro que a gerou.

—— Causou má impressão a carta do snr. dr. Roque Ferreira, publicada no n.º anterior de *O Democrata*, em defeza da cultura da chicoria. Com efeito, cultivar o que não constitue alimento, em prejuizo dos cereaes que tanto escasseiam no país e atendendo ainda á grande dificuldade de importação, não é muito logico nem admissivel.

C.

Anuncios

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 15 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, se hade proceder á arrematação em hasta publica, na casa de José Nunes Ramos, da Rua de Ilhavo, de 775 litros de vinho e respectivas vasilhas, contido em duas quartolas e um barril, apreendidos a Joana de Almeida, solteira, negociante, daquela rua, por descaminho do imposto devido á Câmara Municipal deste concelho.

Aveiro, 4 de Abril de 1917.

O escrivão do processo,

Alfredo Gaspar de Oliveira.

Verifiquei:

O secretário de Finanças,

Souza Lobo

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.